

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – MODALIDADE À DISTÂNCIA

ELAINE MARIA CHAVES MENGER

A AFETIVIDADE NAS PRATICAS PEDAGÓGICAS

**Três Cachoeiras
2010**

ELAINE MARIA CHAVES MENDER

A AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Modalidade à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: **Profª Dra. Carla Beatriz Meinerz**

Tutora: **Profª. Márcia Sanocki Stormowski**

Três Cachoeiras

2010

AGRADECIMENTOS

Á Deus pelo dom da vida, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade do ensino gratuito, aos colegas de trabalho e de curso. Aos alunos do 4º ano com quem estagiei. Agradeço aos professores e tutores por todo empenho, em especial a orientadora, professora Carla Beatriz Meinerz e tutora Márcia Sanocki Stormowski pela dedicação, fundamentais para minha prática de estágio e conclusão deste trabalho. Por último com toda distinção a minha família, por acreditar em mim e incentivar nas horas mais difíceis.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido como conclusão do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem por objetivo apresentar os estudos realizados sobre a afetividade nas práticas pedagógicas construídas através das relações professor-aluno, aluno-aluno e aluno-objeto de aprendizagem. A questão central da investigação é: “Como as relações afetivas contribuem ou dificultam no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental?”. Reflete-se a temática a partir da experiência vivida na prática do estágio curricular com uma turma do 4º ano do ensino fundamental da rede pública, com embasamento teórico fundamentado especialmente nos trabalhos de Alicia Fernández e Paulo Freire. Sendo o afeto fundamental para a vida, em todas as suas fases e de todas as formas, os estudos destacam a importância dos vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem e do papel do professor em manter-se atento para os vários aspectos de afeto estabelecido em sala de aula. Defende-se a afetividade como motor da aprendizagem, na medida em que considera a criança na interação com os colegas, com o professor e com os objetos de sua aprendizagem. Assim busquei compreender melhor sobre este sentimento e suas contribuições no processo de ensino. Portanto, passo a considerar que a afetividade é imprescindível no momento da aprendizagem, servindo para o desenvolvimento e evolução do aluno de forma global, onde o professor, sensível a este aspecto, propiciará a construção de conhecimentos por meio de uma atuação mais comprometida, ativa, criativa e crítica, preocupando-se constantemente em aproximar-se de seus alunos, conhecendo-os e proporcionando aos mesmos, tarefas de acordo com suas necessidades individuais, ajudando-os mutuamente a sentirem-se valorizados e importantes.

Palavras - Chave: Vínculos. Afetividade. Aprendizagem. Escola. Práticas Pedagógicas.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	7
2- VÍNCULOS AFETIVOS E APRENDIZAGEM.....	8
3- A EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE NO COTIDIANO DO ESTÁGIO	13
3.1- PROFESSOR/ALUNO	14
3.2-ALUNO/ALUNO.....	19
3.3- ALUNO/OBJETO DE APRENDIZAGEM	22
4- A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E O PROFESSOR QUE SE CONSTITUI COMO MEDIADOR	26
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	33

1- INTRODUÇÃO

A questão central deste trabalho, desenvolvido como conclusão do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é: COMO OS VÍNCULOS AFETIVOS CONTRIBUEM OU DIFICULTAM NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

A abordagem desta temática nasceu da necessidade de buscar conhecimentos que me fizessem compreender as mudanças que ocorrem no aprendizado da criança em todas as suas dimensões. Uma das questões fundamentais do aprender é o vínculo afetivo que deve ser construído entre aluno-professor, aluno-aluno e aluno-objeto de estudo, tornando a aprendizagem significativa. Destaco que a afetividade é importante, mas não é a única variável para entender os processos cognitivos.

O estágio docente foi minha primeira experiência como professora. Há muitos anos trabalho, como merendeira, na escola em que estagiei, onde desfrutava de algum contato com os alunos nessa atividade que também é educativa.

Durante o horário em que a merenda é servida, eu sou responsável pela ordem no refeitório, faço desse momento, um momento prazeroso e agradável para as crianças, com regras e limites para manter a ordem, assim mantenho o bom relacionamento construindo vínculos afetivos, com algumas crianças mais e com outras menos.

Foi durante minha prática de estágio que alguns comportamentos entre os alunos despertaram minha atenção, levando-me a refletir sobre meu desempenho como professora e descobrindo a dimensão pedagógica do ato de ensinar.

Venho de uma formação onde o professor falava e o aluno ouvia, do siga o modelo, com respostas prontas e iguais as dos meus colegas, mantendo a repetição e a reprodução sem levar em conta a bagagem com que o aluno chegava à escola.

Durante minha prática de estágio, o que me chamou a atenção foi como alguns alunos reagiam diante das atividades solicitadas, que diziam serem difíceis. Observando as dificuldades dos alunos para realizarem suas atividades, me reportava às minhas dificuldades, que foram muitas, em realizar as atividades solicitadas.

Talvez tenha me chamado à atenção porque muitas vezes, durante o curso, eu tive a mesma reação diante das atividades solicitadas, me sentia incapaz, faltava confiança, precisando sempre de uma atenção a mais.

Assim, olhando para meus alunos e muitas vezes me identificando com eles e com suas dificuldades, nas aprendizagens a partir do erro, na satisfação dos acertos e das descobertas, fortaleceram nossos vínculos de afetividade nesse processo de construção.

Optei por este tema porque durante a prática de estágio, mesmo que por pouco tempo, a cada dia as relações entre professor/aluno ficam mais estreitas. Também por curiosidade, por querer entender esse processo e para contribuir no processo de aprendizagem de futuros alunos, se tiver a oportunidade.

Para analisar e compreender, como os vínculos afetivos contribuí ou dificultam no processo de aprendizagem nos anos iniciais, busquei na leitura das idéias do pensador Paulo Freire e os estudos da psicopedagoga Alícia Fernández como base teórica para refletir a partir das vivências experienciadas na minha prática de estágio. Este trabalho está dividido em dois capítulos, o primeiro com estudos dos teóricos e o segundo o relato das minhas práticas.

2- VÍNCULOS AFETIVOS E APRENDIZAGEM

Partindo do pressuposto de que os vínculos afetivos contribuem no processo de ensino-aprendizagem, dedico esta parte do trabalho a refletir teoricamente esta temática a partir de estudos e de alguns autores, em especial Alícia Fernández e Paulo Freire.

Destaco que a afetividade não se desenvolve só na relação professor-aluno, mas também entre as crianças e das crianças com o objeto de aprendizagem.

Em entrevista à Pátio, Nóvoa nomeia como elemento central de qualquer processo de aprendizagem o afeto. É impossível aprender sem uma extensão de risco, de passagem do desconhecido para o conhecido, de esforço pessoal, de experiência. Mas tudo isso precisa de uma base afetiva, de uma rede de afetos. (PÁTIO, 2003, p.25)

Algumas leituras e aulas na universidade contribuíram para que eu percebesse melhor as relações que perpassam o cotidiano da sala de aula envolvendo professor-aluno e o

quanto essas relações contribuem no processo de ensino/aprendizagem. E ao aprender o indivíduo se junta a espécie humana, fazendo-se Sujeito de uma cultura.

As redes de conversação que configuram as relações baseiam-se no medo ou no amor, entre outros, estes sentimentos podem condicionar posições frente à aprendizagem, podendo facilitá-la ou dificultá-la. Então se conclui que a emoção define e transforma a ação. Assim quando ocorre mudança emocional, mudamos a maneira de falar.

Destaco a importância que o professor-mediador do conhecimento exerce, assim como a importância da qualidade dessa relação, professor-aluno, para a aprendizagem, sendo essa, produto da criação, onde o aluno aprende um conceito criando e o educador ensina desencadeando, com os alunos, o movimento dessa criação.

Assim, uma educação que aborde a emoção em sala de aula, traz benefícios não apenas para a ação pedagógica, mas também para o professor e o aluno.

Baseada em estudos de Wallon, Tassoni afirma que os interesses e as necessidades individuais são influenciadas pela afetividade que desempenha um papel importante na constituição e funcionamento da inteligência. (TASSONI, s/data, p.5)

Na formação da linguagem afetiva em comum, ocorrerá o encontro do educador com o aluno para a criação conceitual. Poderemos iniciar toda a aprendizagem a partir de uma aula imposta pelo gosto, pelo amor, na qual as necessidades de afeto, vinculados com as do conhecimento determinem as obrigações.

Nesta perspectiva, o educador deve auxiliar o educando a ter consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive e de seu papel dentro dela, aceitando-se como pessoa e sobretudo aceitando o outro com seus defeitos e qualidades. O educador tem o dever de proporcionar diversos mecanismos para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos, determinando aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

O educador deve comprometer-se em conquistar e conduzir, com responsabilidade, esta relação de afetividade dentro da sala de aula contribuindo na aprendizagem dos alunos, isso é um dever do educador. Se a criança não vivencia o afeto na família, na comunidade e nem na escola, a afetividade não faz parte do seu dia a dia, será

necessário construir essa relação juntos, professor e alunos. Pois não damos aquilo que não temos.

Para Fernández:

“A aprendizagem é um processo que envolve vínculos entre quem ensina e quem aprende”, (FERNÁNDEZ, 2001, s/p). Existe aí uma relação de troca no processo de construção de aprendizagem, sendo necessário em alguns momentos professor e aluno inverterem os papéis. A aprendizagem é um processo de autoria individual de cada um que aprende, e quem ensina deve acreditar e desejar que a quem ele ensina, aprenda. Segundo ela, não basta o professor limitar-se a transmitir informações e conteúdos, ensinar vai muito além disso. O professor precisa querer mais do que apenas ensinar, ele precisa incluir o aprimoramento do aluno como pessoa humana à sua função de educar.

Em minha prática de estágio tive a oportunidade de observar como estas relações se mostram no cotidiano da sala de aula. Na relação professor-aluno e nas relações aluno-aluno. Em muitas situações senti insegurança e falta de preparo para mediar estas relações. O meu comportamento e dos alunos, no dia-a-dia da sala de aula, a partir das relações interpessoais, despertou em mim o desejo de estudar sobre o assunto. Busco neste trabalho, conhecimentos que contribuam para a construção dessas relações.

A Professora Dra. Maristela Sarmiento diz ser possível afirmar que: “só há aprendizagem quando existe vínculo, e a maneira mais sustentável de se estabelecer vínculo é trabalhar a partir das experiências dos sujeitos.” (SARMENTO, 2005, p.5). Portanto, utilizar as experiências do sujeito para induzi-lo a estabelecer vínculo, se sentindo vinculado ao perceber-se reconhecido como parte no processo de aprendizagem.

É através de suas experiências com o outro, vividas em casa, na comunidade, na escola, em todo lugar e em todo momento, que a criança constitui-se como sujeito. Este processo se desenvolve por toda a vida, uma vez que somos seres inacabados, e vivemos novas experiências a cada dia.

Destaco a importância do olhar do professor para seus alunos, um olhar que os faça sentir-se acreditados e valorizados em suas ideias e propostas, um olhar que observe e acompanhe seu desenvolvimento. Evidenciar a acessibilidade, proporcionando momentos de discussão e troca, contribuindo para que seus alunos e alunas construam suas aprendizagens

com sucesso. Fazer do espaço escolar, um ambiente acolhedor, onde os alunos possam expressar suas produções, expor suas preocupações e sua visão de mundo, é um grande desafio para os educadores. Assim, me sinto, como professora, desafiada a promover a socialização, desenvolver a afetividade, melhorando as relações entre professor/aluno e aluno/aluno, contribuindo para a construção desse ambiente acolhedor.

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, (FREIRE, 1996, p.33). Como sujeito, cada aluno ao chegar à escola, traz consigo suas vivências e experiências, transformadas em aprendizagens, adquiridas com a família e seu entorno, e é a partir dessas experiências que podemos conduzi-los a construir novas aprendizagens. E a partir de sua visão de mundo, descobrir-se querendo aprender, pois os seres humanos nascem todos com iguais condições de aprender coisas novas, é no convívio com um mediador dentro da sociedade que se apropriam da cultura.

O professor deve observar o aluno (a) e ver o que ele (a) não mostra, se é por que não quer ou não consegue mostrar e entender o que ele (a) diz sem fazer uso da palavra, levando em conta a vivência familiar e social. Assim encontrar caminhos que leve esse aluno e aluna a aprender. “Na aprendizagem escolar, reflete-se toda a dinâmica social e familiar. Nosso trabalho será saber escutar e olhar para além e para quem daquilo que se percebe.” (FERNÁNDEZ 2001, p. 32)

Ainda Fernández afirma algo bastante interessante, mas nem sempre nos damos conta dessa observação de que a constituição do “sujeito autor” se dá através do diálogo entre o sujeito ensinante e aprendente em cada um. Quando o sujeito ensinante é autorizado a mostrar-se naquilo que aprende, o diálogo acontece, e nessa interação com o outro se mostra o que sabe. Sendo necessário ensinante e aprendente mostrar o que sabe para o outro, para só então conhecer o que se sabe. Assim, poder situar-se como ensinante, a partir das múltiplas relações entre aluno, professor, sociedade, meios de comunicação. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 36)

Para Antunes, os professores devem estar sempre preparados e com a sensibilidade aguçada para perceber o oportunismo do momento e ter o domínio das estratégias de execução. (ANTUNES, 2003, p. 15)

Acredito que as relações afetivas possam facilitar a percepção do momento e o domínio das estratégias no processo de construção do conhecimento e conseqüentemente da aprendizagem. Olhar para a criança com afeto, abre espaço para que educador e educando possam se conhecer, aproximando-se um do outro num clima de confiança, facilitando o processo de ensino/aprendizagem.

A partir do dizer de Fernández, “O fracasso escolar afeta o sujeito em sua totalidade” (FERNÁNDEZ, 2001, p.26), entendo que a criança quando fica aquém das expectativas do professor e dos pais, sente-se subestimada pelos mesmos, pois é nos resultados alcançados que terá o reconhecimento de suas aptidões.

Para Fernández, “o objeto de qualquer intervenção psicopedagógica seja abrir espaços objetivos e subjetivos de autoria de pensamento. O psicopedagogo aposta em que o desejo de conhecer e de saber possa sustentar-se apesar das carências nas condições econômicas, orgânicas, educativas, apesar das injustiças, dos déficits ou das lesões biológicas.” (FERNÁNDEZ, 2001, p.26)

Percebo que as escolas tratam dessa problemática colocando todos os alunos no mesmo nível, usando de um mesmo método para solucionar esses problemas. Os problemas podem aparentar ser os mesmos, mas os motivos são diferentes, sendo necessários cuidados diferenciados.

Segundo Fernández, “A problemática da aprendizagem é uma realidade alienante e imobilizadora que pode apresentar-se tanto individual quanto coletivamente”, (FERNÁNDEZ, 2001, p.26). A carência afetiva, o fracasso dos ensinantes e da instituição educativa ou as lesões cerebrais não são os únicos responsáveis pela existência do problema de aprendizagem em um sujeito individual. Fatores como o socioeconômico, o educacional, o emocional, o intelectual, o orgânico e o corporal, interferem nesta problemática, sendo, necessário, como prevenção, o encontro entre diferentes áreas de especialização como: psicopedagogia, psicologia, psicanálise, pedagogia, pediatria, sociologia, etc., apontando nossa escuta às articulações em meio aos conteúdos não-aprendidos, aos aprendidos, às operações cognitivas não-logradas ou logradas, os condicionantes orgânicos e os inconscientes.

3- A EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE NO COTIDIANO DO ESTÁGIO

Este capítulo foi construído a partir da reflexão sobre a experiência realizada durante a minha prática de estágio no curso de Pedagogia. Escolhi como análise as relações estabelecidas no processo de desenvolvimento das aulas, com uma turma do 4º ano do ensino fundamental da rede pública estadual. Esta experiência foi desenvolvida no período de 13 de abril a 17 de junho do ano de 2010. A reflexão construída neste capítulo tem como foco as relações professor/aluno, aluno/aluno e aluno/objeto de aprendizagem.

Entrar na sala de aula, estabelecer o primeiro contato com os alunos, era uma preocupação que me consumia quando planejava a primeira semana de aula por acreditar que a afetividade exerce um papel determinante na vida das pessoas e nas relações, em especial na vida da criança, sendo responsável por formar um elo na relação professor-aluno.

Assim, em minha prática de estágio procurei ouvir meu aluno, questioná-lo levando-o a encontrar suas respostas, muitas vezes sendo necessário dispor de um tempo maior do que o que havia sido planejado, respeitando o tempo de cada um e cada uma, colocando em prática um pouco do que aprendi neste curso de pedagogia.

Para falar do respeito à dignidade e autonomia do educando, Freire diz que “é a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que se assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer.” (FREIRE, 1991, p. 11).

Concordando com Freire que “Educar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 52), mas é estar aberto para a curiosidade do aluno, é ensinar a buscar o aprendizado, instigá-lo a querer saber mais, é aprender juntos, é um desafio para o professor formar cidadãos críticos, autônomos, com direitos e deveres, capazes de transformar a sociedade.

Busquei, com um diálogo aberto, despertar nos alunos a curiosidade, procurando conquistar a confiança e estabelecer laços afetivos entre professor/aluno e aluno/aluno e aluno/objeto de aprendizagem. Construí uma relação afetiva a partir do respeito pelos alunos, e suas particularidades, levando-os a perceberem-se parte de uma história, de uma sociedade e de uma cultura. Com isso ganhei o respeito deles também.

Procurei estabelecer um ambiente favorável de ajuda mútua, de aprender com o outro, de respeito aos diferentes saberes que se colocam em uma sala de aula, tarefa que me envolveu diariamente e que passo a relatar.

3.1- PROFESSOR/ALUNO

“Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico;(...)”
(FREIRE, 2001, p.77)

É na interação com o outro que construímos o mundo. Acreditando nisso, procurei desenvolver trabalhos em grupo, com a turma do 4º ano, com quem estagiei. Logo no início, observei, por parte da maioria dos alunos, resistência em realizar trabalhos nesta dinâmica. Mais do que isso, observei que dois alunos, meninos, eram excluídos pela turma. Uma menina veio e falou baixinho: *eu não gosto de trabalhar em grupo, por que trabalhar em grupo? - eu não quero*. Então conversei com a turma sobre o que eu penso sobre a dinâmica de trabalhar em grupo, sobre o trabalho colaborativo e da possibilidade de aprender com o outro, especialmente quando precisamos da colaboração do outro para realizar certas tarefas que sozinhos não conseguimos realizar. Nesse momento percebi a necessidade da minha mediação e da minha autoridade que foram aceitas, muito mais pelas relações estabelecidas na cultura tradicional da escola, na qual o professor determina, do que pelo poder de meus argumentos. Cabe dizer que não tinham experiência de trabalho em grupos.

A atitude de um aluno durante a realização da atividade, apresentando dificuldades ao descrever suas características, identificar sua etnia e reproduzir sua imagem. Onde um menino negro, ao ser questionado, __ *Por que não pintou seu desenho?* E ele respondeu: __ *Porque não tenho lápis da minha cor para pintar*.

Dei uma caixa de lápis colorido para ele escolher a cor que achasse melhor. “Pintou-se de marrom sem problema”. Esse “sem problema” foi como eu interpretei a reação do menino. Mais tarde compreendi que se realmente não tivesse problema o menino mesmo teria pedido o lápis emprestado para colorir seu trabalho.

Muitas vezes as dificuldades apresentadas em sala de aula são de origem familiar, mas que precisamos estar atentos para que não interfiram no processo de aprendizagem. A aluna “S” não conseguia se organizar na realização das atividades e precisava de mais tempo para terminá-las, e pedia para terminar em casa, o que não acontecia. Precisei então conquistar sua confiança e aos poucos auxiliar na sua organização insistindo na fala __ “primeiro termina o que estás fazendo para depois começar outro”. De forma semelhante acontecia com o aluno “M”, que não conseguia organizar seu material. Muitas vezes precisei ajudá-lo a organizar seu material, pois retirava tudo de dentro da mochila, lápis colorido, canetinhas, várias borrachas, coleção de carrinhos, moedas e espalhava em cima da mesa e no chão, dificultando sua concentração. Também o aluno “J” sentia-se protegido pela mãe quando dizia ser igual a ela: __ *sô quimem minha mãe, ela também ouve as coisas e um minuto depois já não se lembra mais.*

O “M” apresentava dificuldades significativas na matemática, não sabia tabuada, mas mostrou vontade de aprender, então o convidei para vir ao quadro completar a tabuada, prontamente aceitou. Quando estávamos multiplicando por quatro ele perguntou __ *4x4 é quanto?* Sugeri que fizesse riscos no quadro, ele fez até o fim, colocando um risco no fim de cada carreira, mas contava todos os riscos desde o começo, quando terminou questionei sobre a estratégia dele, disse __ *se 4x4 é 4 carreira de 4 riscos, 4x5 é 4 carreira com 5 riscos.* Então iniciei uma conversa e perguntei quantos riscos havia colocado a mais em cada carreira para fazer 4x5; 4x6; 4x7;... ? __ *Um em cada carreira.* Se é um em cada carreira, e tu tens 4 carreiras, quanto a mais tu colocastes? __ *Quatro.* Ao pedir que observe e multiplique por 5 pensou um pouco, e começou a fazer, quando chegou no 4x5 voltou a fazer riscos, descobrindo que aumentava de cinco em cinco, e que esse é o processo, deixando clara a expressão de alegria em seu rosto. Nesse caso, o aluno superou a resistência em relação ao conteúdo e à atividade de matemática, além de demonstrar sua alegria espontaneamente para a professora e os colegas. A afetividade é fundamental na relação do aprendiz com o objeto de estudo.

Outra situação conflituosa foi o enfrentamento à falta de respeito às regras de organização do horário da escola. Após a troca de livros na biblioteca, os alunos voltaram para a sala de aula, guardaram o material e saíram para ir embora, faltando dez minutos para tocar o sinal. Chamei todos de volta para dentro da sala, pedi que sentassem em suas cadeiras e refletissem sobre o que fizeram. Perguntei se achavam essa atitude correta e se podem sair

sem a autorização da professora. Nesse momento precisei usar de minha autoridade com muita firmeza, falei que a escola e eu somos responsáveis por cada um deles durante todo o período de aula e que isso não poderia se repetir.

Faz parte da rotina da escola uma vez por semana os alunos retirarem livros na biblioteca, depois que fazem as leituras precisam escolher uma história para contar, todos gostam de ler e contar a história do livro lido. O aluno “M” contava as histórias, mas não lia os livros, apenas criava história sem nexos a partir das figuras. Vendo essa dificuldade dele, passei a ler com ele, questioná-lo no meio da leitura, incentivando-o a descobrir a magia dos livros, explorando o que lhe chamava a atenção, as figuras. Expliquei que os livros pequenos também trazem historinhas legais, o tamanho do livro não é o mais importante, “o que eu quero é que tu entendas o que leu, e contar a história é como contar o que aconteceu no final de semana”. O aluno “M” ainda retira livros pequenos, mas já lê e conta o que leu com entendimento.

Quando recebemos a visita da professora orientadora do estágio, os alunos a descreveram como uma pessoa calma e boazinha. Uma aluna perguntou: *__ ela é boazinha?* Outra menina disse: *__ Claro que é. Não viu o jeito dela!* Perguntei por que acharam a professora boazinha, e responderam: *__ Ela não brigou. __ Ela fala baixinho.* Um menino falou: *__ A nossa professora também fala baixo mesmo quando está braba.* Nesse momento questionei qual a diferença entre ser bonzinho e ser educado? Ser bonzinho e ser simpático? Falei da maneira como nós nos tratamos para resolver nossos problemas, e que não gostaria de levantar a voz com eles em nenhuma situação, pois acredito que com uma boa conversa é possível resolver os problemas. Assim como vocês foram educados com ela, ela foi educada com vocês; vocês foram simpáticos com ela, ela foi simpática com vocês, e isso acontece entre vocês e eu, se eu gritar com vocês, vocês irão se sentir no direito de gritarem comigo, já pensaram na bagunça que vai ser a sala de aula? Ficaram pensativos e concordaram. Atitude que deve ter marcado, pois quando receberam a visita da tutora orientadora fizeram questão de deixar claro que, eu mesmo brava não havia gritado com eles, apenas chamava a atenção e conversava sobre tal atitude.

Percebi como é importante colocar-se no lugar de aprendiz. Ao apresentar o tema sobre a Copa do Mundo de Futebol tivemos a oportunidade de invertermos os papéis, nessa aula eu fui aluna e os alunos meus professores, eu entendo muito pouco de futebol e suas regras, sempre que apresentava um texto pedia que destacassem as palavras desconhecidas

para pesquisar no dicionário, dessa vez eu destaquei as palavras que eu não conhecia e pedi que me explicassem, foi uma aula muito produtiva, pois além de palavras demonstravam com gestos e narrações, pois aqui já tínhamos construído nossos vínculos.

Estas experiências me levaram a refletir sobre a disposição do professor em ouvir, dialogar, fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar e debater sobre relatos de experiências trazidas das vivências de seus alunos. Compreender o querer e o ser, possibilitando a busca de novas experiências.

O exercício de observar a partir do olhar e da escuta, me permitiu ver e ouvir meus alunos e minhas alunas, nos aproximando mais a cada dia, fortalecendo nossos vínculos afetivos e nossa cumplicidade nesse processo de ensino-aprendizagem. Segundo Madalena Freire, “Só podemos olhar o outro e sua história, se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história” (FREIRE 1996, p.1). Assim considerei-me, enquanto professora espelho para meus alunos e alunas, assim como eles foram um espelho para mim.

Como educadora, descobri a importância de me colocar no lugar do educando para compreender e responder suas dúvidas, observando se o mesmo está preparado para ouvi-la, e assim construindo meu ser professora: trocando e compartilhando saberes, aceitando e respeitando o outro como ele é. Constatei que o ouvir e o ver são elementos fundamentais para um excelente relacionamento do professor com seus educandos e consigo mesmo.

Quando abríamos para conversas, discussões e relatos de fatos ocorridos em suas vidas questionavam a mim também, pois tinham curiosidades a meu respeito, mesmo nos conhecendo há algum tempo. Falei um pouco de mim como filha, como mãe, como amiga, e o quanto estava aprendendo como professora. Acredito ser importante compreenderem outros pontos de vista e que as relações se constroem. Momentos como esses, onde as perguntas, as respostas e as colocações fizeram a diferença em nossas aulas, contribuindo na construção dos vínculos de afetos.

Ter a sensibilidade para cada momento da aula e para as necessidades dos alunos foi importante para o meu fazer professora. Assim como me descobri autoridade, não abrindo mão desse papel nem das responsabilidades que ele atribui. A criança necessita dessa

referência de autoridade, de proteção, de confiança. Com tempo, os alunos vão tomando consciência e refletindo sobre as questões morais e pouco a pouco passam a assumir essa referência.

É fundamental nos momentos de conversação observar, investigar o porquê de uma determinada resposta ou de um determinado relato feito pelos alunos. A prática do exercício da fala e da escuta, leva-os a compreender que saber ouvir é tão importante quanto saber falar.

Buscar amparo numa filosofia focada no bem estar do sujeito, para aquilo que ele sabe fazer de melhor, a partir de um olhar compromissado a ver para além das aparências, um olhar atencioso, amoroso e cuidadoso com um leque de hipóteses de como perceber o outro. O olhar sensível do professor sobre o aluno, suas falas, atitudes e expressões aumenta as possibilidades de percepção das necessidades dos alunos.

Percebi que nem sempre o conteúdo é o mais importante, que muitas vezes parar para conversar é necessário e faz parte do processo de crescimento do sujeito como pessoa, o que contribui para o desejo de aprender.

Aprendizagem não se adquire por decreto, e ninguém pode ser obrigado a aprender, o que não diminui em nada a responsabilidade do professor de ensinar. Segundo NÓVOA, é de responsabilidade do educador dar sentido à profissão e dignificar-se como educador assumindo um compromisso com a educação de todas as crianças. Não me senti diminuída por saber menos que os alunos, em alguns assuntos, mas me sentia na obrigação de buscar as informações necessárias para conhecer sobre o assunto, pois sempre defendi a idéia de que não é feio não saber, feio é não perguntar.

Considereei de grande importância, em minha prática de estágio, o diálogo, a troca, interação, instigando-os a encontrarem as respostas. Pois a interação entre professor e aluno é fundamental para o processo de crescimento intelectual. Essa troca entre professor e aluno, torna-os cúmplices nesse processo de apropriação e construção do conhecimento, pois é na busca pelas respostas que acontece a aprendizagem e não nas respostas prontas.

Freire (1996) acredita que:

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p.160)

Assim procurei desenvolver minhas práticas de estágio, com ética, promovendo o processo de aprendizagem. Desenvolvendo esse processo de ensino/aprendizagem através de uma relação comunicativa e afetiva, mas sem abrir mão do papel de autoridade, assumindo as responsabilidades de exercer esse papel, com justiça, respeitando suas individualidades.

3.2-ALUNO/ALUNO

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca.” (FREIRE, 1996, p. 160)

Considere importante desenvolver o diálogo em sala de aula, no resgate do respeito da turma ao observar que a turma apresentava certa rejeição a dois alunos, que formavam dupla por não ter opção. Um é bastante lento e precisa de uma atenção especial para fazer as atividades dentro do tempo previsto, tem letra bem legível e pintura bem feita, o outro é preciso chamar o tempo todo, tem dificuldade de concentração, sabe do assunto, participa das discussões, mas não consegue realizar as atividades de escritas.

Usei como estratégia, roda de piadas para exercitar o ouvir o outro, o respeitar e o expressar-se fazendo entender-se, nas primeiras vezes sentávamos em círculo e todos falavam ao mesmo tempo, com minhas mediações entenderam que primeiro precisamos ouvir a piada ou a história do colega, só depois que terminasse de falar é que poderiam se manifestar. Repeti esse exercício várias vezes, mesmo gostando da atividade, no início tiveram algumas dificuldades.

À medida que os dias iam passando, eu tinha uma percepção maior do comportamento da turma e de suas relações. Precisei interferir mais de uma vez, busquei orientações, deixei um pouco do que havia planejado trabalhar (conteúdo), para conversarmos sobre suas atitudes.

Observei que minhas intervenções geravam conflitos, e temia dificultar nossas relações. Para que minhas intervenções não fossem particularizadas considerei oportuno construir com eles um conjunto de regras de comportamento para convivência. Cada um falou o que mais lhe incomodava na turma e o que mais gostava. A partir desta discussão, listamos nossas regras, reforçamos as da escola e juntos, construímos um cartaz com as regras de convivências, colocamos no mural da sala de aula. *Não gosto que o “J” abuse; não gosto do “J”; não gosto que apaguem meus desenhos no quadro; não gosto dos palavrões; não gosto que riem de mim; não gosto que abusem; não gosto que coloquem apelidos que eu não quero.* Seguida da lista das coisas que gostam: *Gosto de trabalhar em grupo; gosto de estudar; gosto de ser respeitada; gosto de contar historinhas; gosto de tudo.* O aluno “M” precisou explicar por que não gosta do “J”, disse: *é porque ele abusa, incomoda, fala palavrão.* O “J” se defendeu dizendo que: *só faço isso porque os colegas me incomodam.* Fechamos nossa conversa com o comprometimento de ajudar o “J”, aceitando ele no grupo, fazendo-se amigos. E o “J” também se comprometeu em rever suas atitudes e mudar suas ações. Perguntam sobre quais as punições para quem desobedecer às regras, respondi: *eu prefiro valorizar quem as respeita, ao invés de castigar ou punir quem não as respeita.*

Mesmo assim, a rejeição da turma por um aluno continuou. O menino foi rejeitado por ter orelhas grandes, ser sempre um dos últimos a terminar as tarefas e diziam que ele era “muito chato”. Mas uma vez precisei ser firme e trazer o assunto para a sala novamente, falar do preconceito, dos direitos e deveres, dos sentimentos, do espírito de grupo e do respeito, levando-os a refletirem sobre o que cada um não gosta em si e que se colocassem um no lugar do outro, da importância de se perguntar sempre “e se fosse comigo?” Esclareci que o direito de não gostar de alguém, de alguma coisa ou de algum lugar não nos dá o direito desrespeitar.

Mais uma vez surgiram questionamentos. *Por que o colega tem as orelhas assim, grandes? Ele tem problema? Pedí para o menino que ele mesmo respondesse as perguntas da colega. Assim como as minhas orelhas são grandes, algumas pessoas têm o nariz grande. Eu não tenho problema, se eu quiser é só fazer uma plástica.* É preciso que o professor reconheça em seu aluno, seu processo de pensar, assegurando-lhe o direito de pensar diferente dos outros, e a cima de tudo de expressar-se. Perguntaram: *Por que o “J” é parecido com o irmão dele?* Respondi com outra pergunta: *Por que vocês se parecem com os irmãos de vocês? E eu com minhas irmãs?*

O amadurecimento da compreensão uns dos outros, era evidenciado pelas atitudes, quando eles mesmos davam respostas em defesa própria, mostrando ser capaz de construir sua identidade de maneira saudável buscando resolver os conflitos entre colegas, mostrando que conversar francamente sobre as coisas que incomodam ajudam na construção de um bom relacionamento.

Depois destas vivências, o comportamento dos alunos melhorou consideravelmente, mas sempre se reportando as regras dizendo, “*lembra das regras*”. Sempre que a aula corria tranqüila, no final desta fazia elogios a seus comportamentos, mostrando sempre os pontos positivos, deixando claro o quanto a aula havia sido gostosa para mim, acreditando que para eles também.

As orientações me deram segurança para abordar o tema, e explicar que o preconceito e a discriminação com as diferenças é algo que se aprende na sociedade, não nascemos preconceituosos. Assim, podemos crescer com preconceito ou aprendemos a reconhecer a naturalidade das diferenças, sem egoísmo, com uma visão mais ampla.

Oportunizar aos e alunos e as alunas o uso do computador em sala de aula, possibilitou que se revelassem individualistas, com comentário como estes, feitos por eles: *A prof vai ensinar os outros alunos também? Não; Oba!*

Falei que a tarefa de ensinar os colegas seria para eles, depois que aprenderem vão ensinar aos colegas, e uma aluna disse: *Nanananão!!! Eles que se virem.*

Este fato fez com que eu voltasse a falar do que é trabalhar em grupo, compartilhar aprendizagens, conhecimentos, da importância das trocas, assim como eles estavam aprendendo comigo eu também estava aprendendo com eles, que é com essas trocas que crescemos e evoluímos como pessoas.

Analisando como são formadas as famílias dos alunos com quem estagiei, vi que a maioria das crianças não convive com o pai biológico, mas que vê em seu padrasto o verdadeiro pai. Então para construir as árvores de família sugeri que buscassem dados também por laços afetivos e não apenas sanguíneos. Assim descobriram-se parentes de sangue e de laços afetivos. Demonstrando em seus relatos, que o convívio com afeto na família faz dos laços afetivos tão ou mais importantes que os laços sanguíneos. *Eu sou negro e sou primo do “M” que é alemão. Descobrimos as origens uns dos outros. Esta atividade foi importante*

para nós porque precisamos pesquisar e a pesquisa ajudou, a saber, mais sobre nossa família.

(Frases retiradas do texto coletivo da turma do 4º ano da E. E. Ens. Fund. Guilherme Schmitt).

Para propor realizar uma homenagem para as mães, convidei-os a refletir sobre nossas ações, como colegas, alunos e como filhos. Criei oportunidade para que pudessem conhecer mais suas mães através de entrevistas, descobrindo as coisas que ela gosta, o que as deixa alegres ou tristes. Momento em que quiseram saber sobre meu relacionamento com minha mãe, falei que sou filha e mãe, então posso falar de mim como filha e como mãe, e assim fiz, esse foi um momento bastante significativo no processo de construção das aprendizagens, aqui nós éramos todos filhos, com medos, respeito, orgulhos e curiosidades sobre nossas mães. Assim organizamos a homenagem que prestaram para elas. A participação das mães demonstrou que valorizam o trabalho de seus filhos deixando-os satisfeitos com o resultado. Apenas o “M” disse: *as mães sempre dizem que é legal para não deixar os filhos tristes*. Perguntei se a mãe dele não gostou da homenagem, ele disse: *sim, mas para agradar, pois as mães não gostam de ver os filhos tristes*.

Ao realizar a prática de estágio, tive a oportunidade de trabalhar com PA e observar melhor o quanto havíamos crescido em nossas relações. A turma era pequena e por isso formamos um único grupo, alcançamos uma sintonia, adaptando, em harmonia, o ritmo de um com o ritmo do outro. Desenvolvemos esse processo, com base no diálogo, debatendo sobre o tema em estudo, onde alunos e alunas tiveram a oportunidade de expor seus conhecimentos, contribuindo para a construção de suas aprendizagens com autonomia no exercício da pesquisa, do trabalho coletivo, da análise, da seleção, da argumentação, da troca e na defesa, respeitando suas escolhas.

3.3- ALUNO/OBJETO DE APRENDIZAGEM

“(…) a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais.” (FREIRE, 1996, p. 77)

Com base em estudos de Vygotsky, Tenerelli,(2005) diz que:

O ponto de partida para a aprendizagem deve ser aquilo que a criança já sabe, levando-a entrar no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. Sendo assim, a aprendizagem depende das características individuais de cada aluno, seus interesses pessoais e experiências vividas. (TENERELLI, 2005, p.20),

É necessário que o educando perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida, só assim a aprendizagem pode provocar mudanças eficazes de comportamento, aumentando a qualificação da educação. Alcançando uma aprendizagem significativa ao ajustar o raciocínio, refletir e construir com afeto e emoção, tendo o vínculo afetivo como facilitador das atividades cognitivas e simbólicas, possibilitando melhor definir a racionalidade e construir um saber mais prazeroso.

Assim iniciei meu trabalho de estágio apresentando o município para meus alunos, através de vídeos e passeio, levando-os a fazer relações entre o que já sabiam e as descobertas feitas.

Assistir um vídeo, fazer saída passeio, conhecer o lugar onde moram, motivou o grupo e deu significado as aprendizagens, descobriram de onde vem nossa cultura, despertando outras curiosidades e aproximando as crianças da realidade do lugar onde vivem, situando-se no tempo e no espaço. (Ver anexo 01)

Articulando a teoria ao prático, oportunizei aos alunos e alunas fazer relação entre a história e o local visitado, a partir do texto “A idade da Figueira” retirado do livro que conta a história da colonização alemã em Itati, e o escritor é conhecido foi morador de muitos anos e pastor da Igreja Luterana, então as pessoas mais velhas da família e alguns alunos o conhecem. Eles fizeram vários comentários: *__ É igual às outras; __ Mas é bem mais velha; __ Por isso é centenária; __ Como é que sabe a idade dela? __ Pela história do livro.* (Ver anexo 02)

Ao copiarem textos, às vezes reclamavam ser grande, depois quando iam lendo se envolviam com a história e queriam saber como terminava, acabavam pedindo para copiar todo. Isso mostrou que quando há envolvimento do aluno com o objeto de aprendizagem, a aprendizagem acontece de maneira significativa.

Apresentaram evidências dessa relação, ao realizar outra atividade, algum tempo depois. Em um passeio, falaram de uma figueira enorme e se podíamos visitá-la, logo se

lembraram e relacionaram com a história da figueira centenária, do início do estágio, e quiseram saber: *— Esta também é centenária e será que vai conversar com a gente?* Abraçaram-se nela e escutaram, depois disseram: *— o barulho da água do rio atrapalhou, ou a figueira é amiga do rio e só conversa com ele.*

Coisa que ficou claro para mim quando copiaram um texto para prestar homenagem às mães. Na realização de pesquisas, através de entrevistas com os pais, buscando matar suas curiosidades e conhecer mais sua realidade, a respeito de temas discutidos em sala aula. Mediei à interação dos alunos e alunas com objetos da memória, documentos, depoimentos, entrevistas, coleta de dados, entre outras fontes de informação, tornando a participação mais ativa. Procurei planejar aulas mais dinâmicas, com trabalhos em grupo, criando possibilidades de ampliar e buscar novos conhecimentos com mais autonomia.

Assim, desenvolvi atividades como construir a linha do tempo partindo da sua linha de tempo, passando a ampliar para a linha do tempo da escola e do município. Ao juntá-las compreenderam que os fatos fazem parte da sua história e que eles fazem parte da história da sua família, da sua comunidade, da escola, do município. Fazer essas relações conduzirá a criança às primeiras evasões no passado, de maneira a encontrar-se com o “era uma vez” localizada no tempo. (Ver anexo 03)

Percebia que a cada dia conseguia despertar mais a curiosidade dos meus alunos, com as atividades propostas. As pesquisas em casa deram incentivos para realizarem os temas de casa. Assim conseguiam ter a atenção da família voltada para eles, sentindo-se valorizados e instigados com as respostas obtidas e as curiosidades que até então não tinham. É um processo lento, que precisa ter continuidade, aos poucos foi se adaptando pelo prazer de realizar as atividades, com resultados significativos o que no início parecia não ter significado algum.

Prazer que percebi ao realizar entrevista com morador da comunidade descendente de poloneses. Esta entrevista surgiu da curiosidade dos alunos ao estudar a chegada dos imigrantes em nosso município, a origem, quando, por que, quem são eles. Os alunos disseram não conhecer nenhum descendente polonês, e não encontraram nenhum registro sobre a chegada desses imigrantes. Daí a necessidade de buscar informações.

Primeiro falei que tínhamos colegas descendentes de poloneses em outras turmas. Depois, listamos alguns nomes, descobrimos os telefones e entramos em contato com dois, mas não tivemos sucesso, disseram não saber muito da sua história. Então tentamos uma terceira pessoa, fomos a casa dele, sem marcar nem avisar. Fomos muito bem recebidos, tiramos fotos, filmamos a entrevista, as crianças brincaram no campo do lado da casa.

Infelizmente a família entrevistada não sabia muita coisa sobre a sua história, mas a partir da presença, das observações, do simples diálogo breve puderam conhecer um pouco da vida e da história de um descendente dos imigrantes, aproximando-os da história local. Com isso os alunos tiveram a oportunidade de saber como foi a infância daquelas pessoas em outra época. Ficaram sabendo que os pais e avós dos entrevistados não tinham o hábito de conversar nem contar histórias para as crianças, e as crianças não tinham a liberdade de fazer perguntas. Os alunos sentiram-se importantes ao realizar a entrevista, fizeram suas perguntas educadamente e anotavam em seus cadernos, do seu jeito. (ver anexo 04)

O senhor entrevistado teve um braço amputado, e logo chamou a atenção do aluno “V” que fez a pergunta: *__ Por que o senhor não tem um braço?* O senhor respondeu que: *__ Foi trabalhando em uma moenda de moer cana-de-açúcar, e moeu o braço junto.* Ficaram bastante impressionados com a dor que ele deve ter sentido, mostrando empatia com o senhor.

As crianças ficaram surpresas em saber que o senhor entrevistado e sua família não têm vontade de visitar o país de origem, mas depois entenderam que talvez seja por que já nasceram aqui e não tem contato nenhum e não conhecem ninguém de lá.

Realcei a importância dos registros, de ouvir as histórias de família, que quando temos curiosidades devemos, perguntar, conversar, contar, anotar, quando achar importante, para que um dia possam contar suas histórias para seus filhos, netos, bisnetos e quem sabe tataranetos. Também fazer comparações com as suas respostas hipotéticas, considerando suas descobertas.

Esse é um processo que nos faz crescer, pois as aprendizagens vêm das descobertas, e as descobertas vêm das curiosidades e inquietações, e que eu espero que eles continuem perguntando, pesquisando, que sejam autores dessa construção, que se sintam capazes de questionar e buscar as respostas até sentirem-se satisfeitos. Isso deve ocorrer não apenas nas pesquisas de rua, mas também em sala de aula, em casa e no seu dia a dia para que

não fiquem acomodados, pois o que é dado por pronto e acabado hoje, pode ser o começo amanhã, por isso devemos estar sempre abertos para rever e repensar nossos conceitos e reconstruí-los.

Fez parte da minha prática de estágio, explicar a importância de abordar determinado tema, qual o significado de conhecer sobre o assunto e suas contribuições na construção da nossa história. Procurei relacionar sempre o tema em estudo com a história da nossa casa, do lugar onde moramos, da nossa escola, levando-os a perceberem-se parte desta história, que somos o elo de uma história que um dia alguém começou para nós e alguém que um dia vai dar continuidade para nós. A partir disso passaram a questionar o porquê de realizá-las. Quando deixei que explorassem o meu ambiente de estudo, levando o computador para a sala de aula. Falei do PEAD, como eu e meus professores nos comunicamos e como é possível estudar, mostrei as possibilidades que o computador oferece, ficaram mais surpresos ainda: *___ Como é possível saber de tanta coisa, é só perguntar que ele responde (fala de um aluno)*. Deixei que explorassem um pouco, para tirarem a idéia de que a utilidade do computador é para conversar no Orkut ou jogar. Pois considero importante que saibam identificar as coisas boas que podemos buscar no computador como, pesquisas, notícias, comunicação, lazer, cultura. Assim como precisam ter muito cuidado com o que ele pode trazer de ruim se não souberem usá-lo, fazendo pesquisas em sites errados, se comunicando com pessoas que não conhecem. A maneira de sentirem um pouco de segurança é pedir que os pais ou uma pessoa adulta ajudem a acessar. (Ver anexo 05)

4- A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E O PROFESSOR QUE SE CONSTITUI COMO MEDIADOR

“Ser professor implica um corpo-a-corpo permanente com a vida dos outros e com a nossa própria vida. Implica um esforço diário de reflexão e de partilha.” (NÓVOA, 2003, p.27)

O professor exerce um papel significativo, ao educar para a afetividade, contribuindo para o crescimento de outras pessoas, em especial seus alunos. Aprender a se conhecer, refletir sobre a vida, nossas virtudes, fraquezas e defeitos, é um exercício difícil, mas necessário para construir um bom relacionamento com outras pessoas. Com os alunos o papel do professor é mediar essa relação.

Para Freire o fazer pedagógico nasce de um sonho que surge da necessidade, de uma falta que nos estimula na busca de um fazer. (FREIRE, 1997, p.54)

Ao planejarmos nossas aulas de estudos, devemos considerar o entorno e as relações sociais, históricas, culturais e afetivas, tornando-se um marco no processo ensino-aprendizagem. Em um processo aberto onde agrupe os imprevistos, os questionamentos, as curiosidades e as hipóteses levantadas pelos alunos.

Assim, busquei planejar aulas mais atraentes, considerando as questões sociais, atuando na aprendizagem de acordo com o contexto dos alunos, possibilitando que fizessem uma leitura crítica dos espaços, das culturas e das histórias em diferentes situações. Muitas partiram da curiosidade dos alunos, problematizando, desafiando, gerando conflitos entre as hipóteses iniciais e as adquiridas, desfragmentando a aprendizagem, tornando-a mais significativa, favorecendo a interdisciplinaridade.

Para que o professor, mediador, junto com seus alunos construa uma relação afetiva, será necessário respeitar as diferenças, romper qualquer tipo de preconceito, favorecer a troca de experiências, ter coerência, saber elogiar, aprender a partir do erro, com objetivos claros, equilíbrio emocional para ser justo, saber ouvir.

Em uma entrevista, Fernández afirma: “O ser humano nasce inteligente, mas a inteligência se constrói na relação com os outros, se dá à medida que os adultos consideram a criança, acreditam que ela aprenderá”, (FERNÁNDEZ, 2008). Assim, construirá junto, professor e aluno, essa relação de afetividade contribuindo no processo ensino/aprendizagem com maior significado.

Baseado em estudos de Wallon, Bezerra (2006) tem como base quatro elementos indissociavelmente relacionados entre si, a afetividade; o movimento; a capacidade cognitiva e a formação da personalidade. Dizendo ser relevante que a escola proporcione a formação intelectual, afetiva e social da criança, pois dentro da sala de aula, além do corpo, a criança traz também suas emoções, sentimentos e sensações. (BEZERRA, 2006, p.26)

Conhecer sobre o que é ser professora, me dá a certeza que tenho muito que aprender, na construção do meu ser professora. Principalmente sobre o papel do professor-educador-mediador. Para exercer esse papel, exige-se refletir criticamente sobre sua prática pedagógica docente, sendo necessário à busca constante em aprimorar seus conhecimentos

através das leituras, das constantes indagações, constatações e intervenções daquilo que não se conhece ou que se reestrutura.

Paulo Freire fala da importância da reflexão crítica de sua prática pedagógica, na formação dos professores. Quanto maior a segurança que o professor tem em seus conhecimentos, mais facilidade terá em tomar decisões para resolver problemas disciplinares em sala de aula, discutir as relações com outras pessoas, as responsabilidades de cada um, os princípios e valores que dão sentido à vida, apontando quais intervenções fazer, em especial com aquele aluno que apresenta defasagem de aprendizagem, seja qual for o motivo. (FREIRE, 1996, p. 43)

Elaborar um planejamento interdisciplinar, onde os alunos e alunas interagem em diversas situações, contribuindo para a formação integral e de qualidade. Possibilitar a esses alunos e alunas desenvolver, com autonomia, suas habilidades e potencialidades, com exercícios de análise e reflexão, exercendo suas funções de agente integrante e transformador da sociedade considerando todos os aspectos, os sociais, psicoafetivos, emocionais e cognitivos de maneira interligada.

Mas para construirmos esse processo educativo efetivo é necessário que a relação professor-aluno seja permeada pelos vínculos afetivos, estreitando essa relação entre educando e educador.

Para Freire, “Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica”. (FREIRE, 1996, p.3)

Essa cumplicidade durante a prática de estágio me fez vencer desafios como, elaborar um planejamento flexível e conduzir a turma em suas relações sociais no processo de ensino-aprendizagem. Trago como exemplo um dia que, por causa das chuvas poucos alunos foram à escola e precisei mudar os planos. Assim através de uma brincadeira com a tabuada, despertar o interesse deles para desafios matemáticos. Constatando a importância desse processo e das aprendizagens adquiridas no PEAD no momento de elaborar as atividades que possibilitam aos alunos e alunas, desenvolver suas habilidades.

Concordo quando Freire diz que:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho ___ a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 52)

O professor deve ser mais que um transmissor de informações, deve ser um agente construtor do sujeito, pois tem a possibilidade de colocar a criança diante de experiências com vínculos ‘ensinante’ e ‘aprendentes’, diferentes das experiências com a família.

Mas o professor que acredita nessa possibilidade e deseja desenvolver vínculos deve comprometer-se em criar espaço para troca de experiências respeitando às diferenças e singularidades, contribuindo para o desenvolvimento efetivo e afetivo do sujeito, estabelecendo um clima de confiança onde o sujeito possa construir esses vínculos a partir da troca dessas experiências trazidas pelo professor e pelo aluno.

É necessário que o professor tenha conhecimento do seu aluno, para poder transformar-se em um facilitador, mediador do processo ensino – aprendizagem. Compreender que cada um de seus alunos é um, com o seu próprio tempo lógico e psicológico com uma maneira específica de lidar com o conhecimento e respeitar esta maneira individual de aprender, estará contribuindo para a integração do aluno com a aprendizagem.

Fazer da escola um lugar de formação, precisa-se reorganizá-la como espaço de aprendizagem cooperativa, onde professores possam formar-se dialogando e refletindo com os colegas, pois sua formação não se dá sozinho, isolado, é preciso partilhar. A atividade docente necessita de dispositivo e acompanhamento. (NÓVOA 2003, p.26).

Em entrevista à Nova Escola, La Taille defende que a escola ajude a formar pessoas capazes de resolver conflitos coletivamente, pautados pelo respeito a princípios discutidos pela comunidade. O caminho para chegar lá passa pela formação ética – não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário dentro da instituição. "A dimensão moral da criança tem de ser trabalhada desde a pré-escola. Ética se aprende, não é uma coisa espontânea" (TAILLE,2008, s/p). Para o psicólogo, para vencer a indisciplina a escola deve investir em formação ética no convívio entre alunos, professores e funcionários.

Em seus estudos, Vale (2003) diz que as interações entre, escola/família, professor/aluno, aluno/aluno e aluno objeto de aprendizagem, podem proporcionar

conhecimentos fundamentais para a construção da personalidade da criança, estabelecendo-se assim como ser humano, como sujeito do conhecimento e do afeto, permitindo um crescimento maior.

Busco respaldo nos conhecimentos adquiridos durante o curso de Pedagogia, desejando o entendimento restabelecendo as dificuldades do processo ensino-aprendizagem. Assim pretendo mediar a construção desse conhecimento, possibilitar que todos tenham a concepção de leitura e escrita, tornando possível a valorização do ser humano a partir de ações sociais, sempre abertas, na busca contínua de significados, com um olhar diferenciado do processo de ensino/ aprendizagem.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso foi gratificante, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional. Infelizmente o tempo de duração do estágio foi curto, mas foi possível estabelecer relação entre as teorias estudadas e minha prática em sala de aula.

Destaco novamente a importância dos vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem e do papel do professor em manter-se atento para os vários aspectos de afeto estabelecido, em sala de aula. Esta relação, a criança forma no convívio com os colegas, com o professor e com os objetos de sua aprendizagem.

O convívio diário com o grupo escolar serve de estímulo para a afetividade. Quando ocorre a interação dentro da sala de aula, entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-objeto de aprendizagem, os vínculos afetivos se estabelecem, podendo assim, alcançar o equilíbrio emocional necessário para o envolvimento da criança com a aprendizagem.

Considero, agora com mais clareza, que a afetividade, mesmo que inconsciente, está presente em todas as ações de ensino que o professor assume desempenhar, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre alunos e conteúdos.

Passo a compreender que se o educador conhece seus alunos e valoriza as relações dentro da sala de aula, auxiliando-se nos interesses desses alunos, tem a possibilidade de apresentar soluções para que as salas de aulas tenham clima afetivo. Planejando aulas com

atividades atraentes, que despertem a curiosidade, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem.

Acredito que a escola ensina muito mais do que conteúdos específicos, pois também cria vínculos e ensina maneiras adequadas de convívio respeitoso num espírito colaborativo. Estou convencida de que a afetividade é fundamental para os bons resultados na aprendizagem, pois muitas vezes as dificuldades estão relacionadas a problemas na autoestima e auto-confiança, e podem ter relação com a forma como a criança é inserida no meio social e como cria seus vínculos afetivos.

Alguns dos desafios do educador são ter uma visão ampla para além das aparências, dedicar boa parte do tempo a ouvir com atenção, saber a hora certa de falar, manter-se sempre em movimento e ação, fazer registros das coisas que ganham destaque e das emoções proporcionadas para/pelos alunos, pensar e agir sempre com o coração, olhar nos olhos. Pois os vínculos criados e as atitudes tomadas com afeto são para toda a vida fazendo desse processo de ensino e de aprendizagem mais leve, agradável, feliz e produtivo! Acredito que assim podemos formar educador e educando, ensinante e aprendente, capazes de transformar a sociedade.

Sendo o afeto fundamental para a vida, em todas as suas fases e de todas as formas, considero significativa sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, construir vínculos afetivos, clima mais amoroso, criar possibilidades de interação, observar o desenvolvimento da criança e valorizar as experiências pessoais, a partir da relação construída entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-objeto de aprendizagem, podem ampliar o universo cultural, provocar o desejo de pesquisas, criarem conceito de grupo e estimular a caminhada de cada um, formando-se aprendentes e ensinantes de seus conhecimentos.

Tenho como certo que as relações entre as pessoas não são sempre permeadas pela calma e pela doçura. Os fenômenos afetivos referem-se da mesma maneira aos estados de raiva, medo, ansiedade, tristeza, angústia, frustração, sentimentos que se fazem presentes nas interações sociais podendo desgastar não apenas o aluno, mas também o professor.

Assim, o educador mediador deve valer-se das relações afetivas para contribuir no processo de aprendizagem, aproveitando-se das competências para criar e desenvolver o novo,

adotando uma postura de revisão reflexiva e ressignificativa de suas práticas. Alimentando sonhos, acreditando ser possível construir um mundo melhor, mais afetivo e mais justo.

Percebi que a firmeza do professor na hora certa é importante na relação de afetividade. Ser firme, ser justo e ter autoridade não significa não ser afetivo, pelo contrário, o professor torna-se referência, pois a criança se sente segura com quem é firme e tenta ser justo. Considero a afetividade construtiva, pois ela instiga os alunos e alunas a procurarem a melhorar.

A mesma afetividade trazida na fala de Freire:

A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo. (FREIRE, 1996, p. 160)

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ricardo José Lima.: **Afetividade Como Condição Para a Aprendizagem: HENRI WALLON E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA A PARTIR DA EMOÇÃO.** Em [HTTP://www.redisis.furg.br/edicoes/vol4/art3v4.pdf](http://www.redisis.furg.br/edicoes/vol4/art3v4.pdf). 2006. Acesso em 07 novembro 2010.

DE PAULA, Sandra Regina, DE FARIA, Moacir Alves - **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 1 – nº 1 – 2010

FARO, Cecília G.M. **O Vínculo Afetivo na Relação Ensino Aprendizagem.** Em: <http://www.profala.com/arteducesp81.htm>. Acesso em: 07 novembro 2010.

FERNÁNDEZ, Alícia. – **Entrevista revista Extra Classe: Ano 13 - nº 127,** Setembro de 2008.

_____. **O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento.** Porto Alegre: Editora ARTMED, 2001.

_____. **Os Idiomas do Aprendente. 2001**

FREIRE, Madalena. **Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão.** São Paulo: Espaço Educativo, 1997.

_____. Educando o olhar da observação - Aprendizagem do olhar. In: **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa** ano 1996, 19ª Ed.

GOMIDE, Rafaela Vales S. **A Afetividade e o processo de ensino e Aprendizagem.** Em: [HTTP://www.webartigos.com/articles/1233/1/A-Afetividade-E-O-Processo-De-Ensino-E-Aprendizagem/pagina1.html#ixzz14Yt7eHbn](http://www.webartigos.com/articles/1233/1/A-Afetividade-E-O-Processo-De-Ensino-E-Aprendizagem/pagina1.html#ixzz14Yt7eHbn). Acesso em: 07 novembro 2010.

NÓVOA, António. **Entrevista à revista pedagógica pátio**, ano VII, Nº27, agosto/outubro, 2003.

SARMENTO, Maristela Lobão de Moraes. **VÍNCULOS DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO CRÍTICO SOBRE O PEC-FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA.** Em: <[HTTP://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/101tcf5.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/101tcf5.pdf)>. Acesso em: 07 novembro 2010.

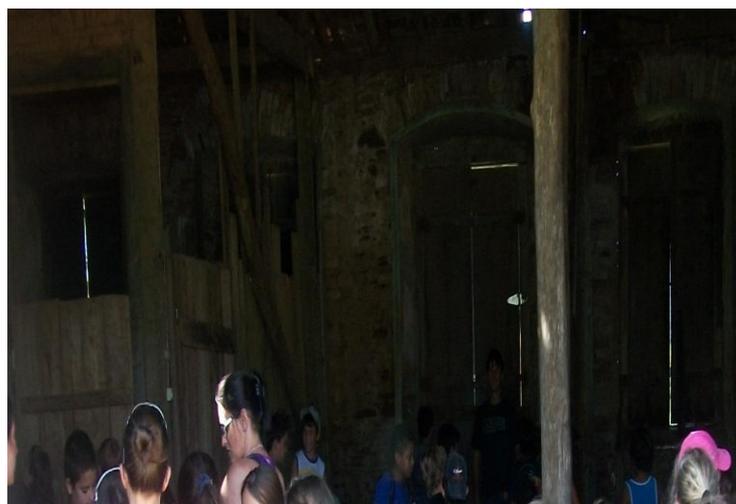
TAILLE, Yves de La, **Entrevista à Revista Nova Escola**, Edição 213 | Junho/Julho 2008.

TASSONI, Elvira Cristina Martins, **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.** (s.d.)

TENERELLI, Luci Mary, **A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR: MEMÓRIAS REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA EM EXERCÍCIO.** Campinas, 2005.

ANEXOS

Anexo I



Construção feita pelos escravos



Túnel Rota do Sol



Figueira centenária

ANEXO II



Foto do escritor embaixo da figueira visitada, retirada do livro “De Pés e a Ferro”

A IDADE DA FIGUEIRA

- “Amiga figueira. Qual é a tua idade?!”.

Ela respondeu: - “Sou de um tempo muito antigo. Na nossa realidade não temos nem calendário e nem datas. Temos apenas épocas e acontecimentos.”

- “Qual é a época mais antiga que tens, registrada em tua memória?” – Eu quis saber.

Ela continuou: - “Ora. Carrego, registrada em minha memória, a memória de minhas antepassadas. É do tempo quando aqui somente viviam aqueles que vocês chamam de índios. Eles moravam aqui e se entendiam muito bem conosco, procurando a harmonia com as árvores, com o rio... Enfim, com toda a natureza. O entendimento dos índios a nosso respeito, e o nosso sobre eles, era de verdadeira amizade. Depois vieram pessoas de outros lugares. Gente que chegou para logo enxotar os índios. Os habitantes nativos não souberam mais, desde então, qual o lugar que ainda era deles. Os invasores, não só agrediram os índios... Eles agrediram tudo, a floresta, os rios, os bichos e, tudo o mais...”. (Elio Eugenio Müller - De pés e a ferros- coleção Memórias da Figueira – Vol. I, pg. 13 e 14)

Copiaram o texto do quadro, fizeram as leituras, e abri para uma conversa sobre os primeiros habitantes de Itati, ao ler o texto fizeram ligação rápida com a figueira que visitaram, falei que o que texto falava da mesma figueira e mostrei a foto do livro de onde retirei o texto.

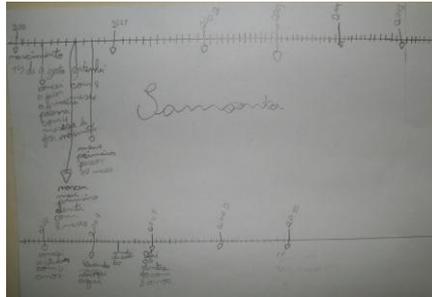
O livro traz parte da história do nascimento desta colônia que hoje é o nosso município.

Infelizmente não temos muito material para pesquisa, havia separado um site para pesquisar, <http://www.negritude.galeon.com/enlaces603446.html>

Fizeram relações de como os índios tratavam e cuidavam da natureza naquela época e como fazem hoje, "por isso que não temos mais os índios morando aqui!"

(Fala de um aluno)

ANEXO III



Linha do tempo

À medida que iam construindo também questionavam sobre o tema, e eu sempre respondendo com outra pergunta, ou com uma conversa que leve o aluno a encontrar a resposta. “Começo em 2001, ou antes?” Respondi “se é a tua linha do tempo, se tu nasceste em 2001, onde começa?” outra pergunta “Cada risco é um ano, os risquinhos são os meses, se comecei a engatinhar com 10 meses, coloco 10 risquinhos? Eu pergunto “quantos meses tem no ano?” a resposta é rápida, e logo fazem relação de que um ano e dois meses representado no gráfico é preciso ir para o intervalo seguinte, e assim todos fizeram, mostrando entendimento.

Agora querem saber, para que estamos fazendo esta linha do tempo. Questionei sobre como foi pesquisar e descobrir coisas de quando ainda era bebê? Acharam que foi muito interessante, pois não sabiam quase nada sobre eles. Expliquei que na medida em que construímos a nossa história, relacionamos com a história da nossa casa, do lugar onde moramos, da nossa escola, podemos descobrir que somos parte desta história, história que um dia alguém começou para nós e que também alguém um dia vai dar continuidade para nós.

Percebo que venho a cada dia conseguindo despertar um pouquinho da curiosidade dos meus alunos, com as pesquisas em casa, sendo que a cada dia estão fazendo mais o tema de casa. Pois precisam dos dados para trabalhar em sala de aula, e estes dados têm despertado e respondido as curiosidades que até então não tinham. É um processo lento, mas que aos poucos vão se adaptando pelo prazer de realizar as atividades, que no início parecia não ter significado algum.

ANEXO IV



Família entrevistada

ANEXO V



Quando fomos pesquisar na internet, disseram que gostariam de jogar no computador, falei que iríamos pesquisar os dados que não conseguimos na pesquisa de casa e que não teríamos tempo para jogar no computador, mesmo porque só temos uma máquina e não seria possível que todos jogassem. Percebi que ficaram um pouco decepcionados, mas logo entenderam. Ficaram surpresos “como é possível saber de tanta coisa, é só perguntar que ele responde” fala de um aluno. Neste momento comecei a falar sobre as coisas boas que podemos buscar no computador como, pesquisas, notícias, comunicação, lazer, cultura e muitas outras coisas, mas é preciso ter muito cuidado com o que ele pode trazer de ruim se fizermos mau uso dele, pesquisas em sites errados, a comunicação com pessoas que não conhecemos, sempre precisamos pedir permissão para os pais, esta é a maneira de sentirem um pouco de segurança. Falei do PEAD, como eu e meus professores nos comunicamos como é possível estudar, que temos a universidade dentro do computador, ficaram mais surpresos ainda.